

*Vox Clamans in Deserto**

Jean-Luc Nancy | Tradução de Fernanda Bernardo e Hugo Monteiro

*(No começo da cena, um cão ladra ao longe, sozinho no silêncio.
Uma vaca muge. O cão ladrará ainda duas ou três vezes durante a cena.
Um outro animal, um burro por exemplo, atravessará talvez o espaço da representação.
É um espaço nu, claro e sonoro.)*

*(Aparecem duas personagens. Têm vozes muito contrastadas,
ambas masculinas, mas uma grave e sombria, a outra leve, frágil, um pouco rouca)*

– Julguei ouvir uma voz, por isso vim por este lado. Era a sua?

– Não sei. Pode ser que sim, porque me parece que falei sozinho. Mas há também um cão que ladrou. Talvez tenha sido a sua voz que ouviu.

– Como poderia eu ter confundido!

– Porque não? Os chamamentos dos cães, e os de outros animais, não são apenas barulhos. Cada um tem a sua voz, que podemos reconhecer.

– Quer dizer que é para eles uma maneira de falarem?

– De modo algum! Trata-se de uma coisa completamente diferente. A voz nada tem a ver com a fala. Não há, é certo, fala sem voz, mas há voz sem fala. Nos animais, mas também em nós. Há voz antes da fala. Assim, posto que o conheço, reconheço a sua voz antes de distinguir as palavras que pronuncia, quando vem na minha direcção.

– Claro, a voz é a face sonora da fala, enquanto o discurso, ou o sentido, forma a sua face espiritual.

* *Vox Clamans in Deserto* foi publicado no volume: NANCY, Jean-Luc. *O Peso de um Pensamento, a Aproximação*. Tradução de Fernanda Bernardo e Hugo Monteiro. Coimbra: Palimage, 2011. p. 29-42. Agradecemos aos editores e aos tradutores a possibilidade de republicá-lo neste número do Caderno de Leituras.

– Quase encontraríamos esta maneira de apresentar as coisas em Saussure, se ele falasse verdadeiramente da voz, o que não é o caso. Quase encontraríamos isto na sua distinção dos elementos constitutivos da fala. Mas repare que isso o conduz a excluir a fonação, ou a vocalidade, do estudo da língua, e mesmo, no fundo, do estudo da linguagem. Ele dizia

(ouve-se a voz de Saussure, proferindo o seu curso em Genebra)

“os órgãos vocais são tão exteriores à língua quanto os aparelhos eléctricos, que servem para transcrever o alfabeto Morse, são estrangeiros a este alfabeto; e a fonação, quer dizer, a execução das imagens acústicas, não afecta em nada o próprio sistema.”

– Não está satisfeito com esta análise?

– Não, não estou, e de resto estou convencido de que o próprio Saussure não podia está-lo completamente. Era demasiado atento, apesar de tudo, à unidade indissociável daquilo a que chamava a “substância material das palavras” e daquilo que designava como o “sistema de signos”.

– Quer dizer que a voz faz parte da língua?

– Ela não faz certamente parte da língua, no sentido de Saussure, tal como não pertence propriamente à fala: porque, precisamente, há que não a confundir com a «fonação» (que palavra vil!), que não é senão uma «execução», como Saussure diz. A voz não é uma execução, é outra coisa, vem antes da distinção entre uma língua disponível e uma fala executora...

– Antes de toda a linguagem, consequentemente!

– Se assim quiser, no sentido estrito das palavras, sem dúvida. Mas justamente, aquilo que eu gostaria de lhe dar a ouvir a entender [entendre]¹ – e que eu tenho a certeza de que Saussure estava quase a entendê-lo – é que a voz, que é outra coisa que a fonação, pertence à linguagem pelo próprio facto de lhe ser anterior, e de certa forma exterior. É assim como que uma precessão íntima da linguagem, estrangeira portanto à própria linguagem.

– Quero muito. Mas enfim, diga-me o que é essa precessão intimamente estrangeira.

– Dir-vo-lo-ei, se me escutar, a mim e a alguns outros. A este, por exemplo, ouve?

¹ N.T.: De notar que, em francês, a palavra “entendre” tanto significa “entender” como “ouvir”. Na nossa tradução, *em função do contexto*, optamos ora por um termo ora pelo outro – excepto, como acontece nesta passagem, onde a imbricação dos dois termos está significada, onde traduzimos por “a ouvir a entender”.

Jean-Luc Nancy é, lembramos, o autor de *À l’écoute* (Paris: Galilée, 2004), onde salienta a fina indecisão entre escutar - tido como reenvio in-finito a - e entender, a escuta tradicionalmente privilegiada pela filosofia que neutraliza o *escutar*.

(Paul Valéry avança. Fala em voz muito baixa, quase resmungando. Acaba-se por distinguir palavras.)

“voz, estado elevado, tónico, tenso, unicamente feito de energia pura, livre, de alta potência, dúctil... aqui o essencial é o próprio fluido... a voz – evolução de uma energia livre...”

– Ouço bem, mas não tenho a certeza de compreender. Porque é que me faz escutar esta personagem, em vez de você mesmo se explicar?

– É porque é preciso escutar a voz de cada um. Não é a mesma. Cada um explica-se diferentemente, com a sua voz própria. Ignora que as impressões vocais são mais singulares, mais impossíveis de confundir do que as impressões digitais, que no entanto são já tão particulares a cada um?

(Colocando uma máscara que se assemelha a Roland Barthes, ele profere)

“A voz humana é, de facto, o lugar privilegiado (eidético) da diferença...”

– Não basta que vos faça um discurso sobre a voz. É preciso ainda saber com que voz o proferir. Que voz falará da voz? Olhe, escute esta.

(Entra Jean-Jacques Rousseau, que declara)

“O homem tem três espécies de voz, a saber, a voz falante ou articulada, a voz cantante ou melodiosa, e a voz patética ou acentuada, que serve de linguagem às paixões.”

– Se bem compreendo o que ele acaba de dizer, e o que você antes dizia, é que não só cada um tem a sua voz própria, mas existem várias vozes possíveis para cada um. Todavia, a própria voz, a vocalidade da voz, se quiser, ou a sua essência de voz, será o que não se confunde com nenhuma destas vozes. Será o que não fala nem canta nem dá o tom de uma paixão, sendo embora capaz de desempenhar estes três papéis, e estando apta a tornar-se tanto a sua voz quanto a minha, a deste personagem tanto quanto a de um outro. Mas pergunto-lhe ainda: o que é então uma tal coisa?

– É a própria voz – e não é evidente que ela seja uma única coisa. É a voz que não se consegue dizer, porque é uma precessão da fala, uma fala infanta que se dá a ouvir a quem de todo o falar, até no próprio falar: porque, se ela é infinitamente mais arcaica do que ele, em contrapartida não há fala que não se faça ouvir por meio de uma voz.

– Embora, no seu arcaísmo, a voz seria ao mesmo tempo a verdadeira actualidade da fala, que é ela própria o ser em acto da língua...

– Não é a voz que é a actualidade da fala, ela é sempre somente uma voz, a sua ou a minha, falante ou cantante, uma outra de cada vez. Está sempre partilhada, num certo sentido é a própria partilha². Uma voz começa aí onde começa o entricheiramento de um ser singular. Mais tarde, com a sua fala, ele refará laços com o mundo, dará sentido ao seu próprio entricheiramento. Mas primeiro, com a sua voz, clama um puro desvio, e isso não faz sentido.

– Toda a voz clama no deserto, como a do profeta. Aliás, é no deserto da existência desamparada, a braços com a falta e a ausência, que a voz se faz primeiramente ouvir. Escutai pois o que diz uma mulher, uma mãe.

(Projectado no ecrã, o rosto de Julia Kristeva diz estas frases)

“a voz responde ao seio que falta, ou então desencadeia-se à medida que o acesso ao sono parece preencher com vazios a tensão e a atenção da vigília. As cordas vocais retesam-se e vibram para preencher o vazio da boca e do tubo digestivo (resposta à fome) e os desfalecimentos do sistema nervoso à aproximação do sono... a voz ocupará o revezamento [la relève] do vazio... A contracção muscular, gástrica e esfíncteriana, rejeita, por vezes ao mesmo tempo, o ar, a alimentação e os dejectos. A voz jorra desta rejeição de ar e de matéria nutritiva ou excrementícia; as primeiras emissões sonoras, para serem vocais, não têm somente a sua origem na glote, são a marca audível de um fenómeno complexo de contracção muscular e vagosimpática que é uma rejeição implicando o corpo todo.”

– Não refutarei o que acaba de nos dar a ouvir a entender. Não contestarei esta voz...

– Crê que uma voz possa alguma vez ser contestável? Gostaria de propor-lhe, pelo contrário, esta tese, de que a voz, ou antes a partilha infinita das vozes, forma o lugar ou o elemento da afirmação indefinidamente multiplicada, e que não há negação. Não há dialéctica das vozes, não a há senão da linguagem, e na linguagem.

– No entanto, este espaço das vozes não está cheio, nem unificado...

– De facto, não o está. Ele não é feito senão do espaçamento ou do afastamento [écartement] das vozes. Cada uma diferente, e cada uma constituída por um desvio, por uma abertura, tubo, goela, laringe, garganta e boca atravessados por este nada, por esta emissão, por esta expulsão de voz. A voz grita no deserto porque ela própria é em primeiro lugar este deserto desfraldado

² * N.T.: “Partage” é um quase-conceito no âmbito do pensamento de Jean-Luc Nancy em cujo idioma tanto significa “partilha” como “partição” – esta passagem permite, justamente, compreender como “partage” está no coração do pensamento de Nancy da “comunidade”, uma vez que porta o indecível convívio entre *partilha* e *partição*: entre, por um lado, o que se partilha ou põe em comum e é mesmo condição de possibilidade do “comum”, do “ser junto” ou do “ser com”, e, por outro lado, o que parte, interrompe, limita, sincopa ou heterogeniza a possibilidade de qualquer “comum” (com/o-um) – uma comunidade que, por isso, “é”, só pode mesmo ser uma “comunidade” de singularidades, isto é, de separados ou de apartados, cf., nomeadamente, Jean-Luc Nancy, *La Communauté Désœuvrée* (Christian Bourgois, Paris, 1986) e *La Communauté affrontée* (Galilée, Paris, 2001).

no meio do corpo, aquém das palavras. Seria isso, a sua afirmação – e não a contrapartida de uma negação. Um deserto, cada vez, cada voz, um deserto singular.

– Tem seguramente razão. Mas eu queria dizer que, sem refutar esta voz da rejeição se poderia propor uma maneira completamente diferente de ouvir o que irrompe nos gritos da mais tenra infância. Quer dizer, uma maneira completamente diferente de também compreender a *vox in deserto: vox clamans* mais do que *vox clamantis*. A voz não responderia ao vazio, como esta pessoa o dizia, mas exporia o vazio, virá-lo-ia para fora. A voz seria menos a rejeição do que o jacto de um vazio infinito aberto no coração do ser singular, desse ser abandonado. O que ela assim exporia, numa espécie de maneira de oferecer o abismo, não seria uma falta. Mas seria esta falta de plenitude ou de presença que não é uma falta, porque é a constituição mais própria da existência, o que a torna aberta, antecipadamente e para sempre aberta, fora de si mesma. Na voz haveria isto: que este existente não é um sujeito, mas uma existência aberta e atravessada por este jacto [jet], uma existência ela-mesma lançada [jettée] no mundo. A minha voz é antes de mais o que me lança no mundo. Se quiser tomar as minhas palavras com uma certa ligeireza, eu diria que há na voz qualquer coisa de irrevocavelmente extático.

– Está a pensar no canto?

– Claro! Como é que não pensaria nele? Notai bem que não lhe falo de desmaios líricos. Mas aquele que canta – e aquele que o ouve cantar – estão o mais seguramente, o mais simplesmente, mas também o mais vertiginosamente, fora de si mesmos. Escute.

(Põe um magnetofone a tocar. Ouvem-se os vocalizos da Rainha da Noite, e a seguir a cena da loucura do rei no “Nabucco”:)

– Aquela ou aquele que canta, durante o tempo do seu canto, não é um sujeito.

– Mas porque é que repete que não há sujeito na voz? Bem que é preciso um sujeito da voz, e é mesmo preciso, se o compreendi, um sujeito para cada voz singular. Eu diria, pelo contrário, que a voz é a marca irrefutável da presença de um sujeito. É a sua marca, como dizia. E é bem assim que é preciso compreender que se fala da voz de um escritor: o seu estilo, a sua marca própria, inimitável.

– Estou de acordo quanto a esta marca, ou a esta assinatura indelével da voz. Mas trata-se de saber, antes da impressão da marca, no traçamento, na abertura e na emissão da voz, o que é o mais propriamente vocal. Ora isso não releva do sujeito. Porque o sujeito é um ser capaz de ter em si e de suportar a sua própria contradição...

– Reconheço a voz de Hegel! ...

– É verdade. Pensava, aliás, que ia reconhecê-la. No entanto, Hegel tem mais de uma voz – como alguns de entre os maiores...

– Uma grande voz seria sempre mais de uma voz? Seria então por essa razão que eles escrevem tão frequentemente diálogos, como Platão, Aristóteles, Galileu, Descartes, Heidegger?

– Talvez. Mas, diálogo ou não, há polifonia no seio de toda a voz. Porque a voz não é uma coisa, é a maneira pela qual alguma coisa – alguém – se afasta de si-mesma e deixa ressoar esse desvio. A voz não sai somente de uma abertura – é abertura em si mesma, sobre si mesma. Nela, a voz dá para a voz. Uma voz dá-se de um só lance como uma pluralidade de portes vocais...

– Desculpe, gostaria que voltássemos a Hegel. Esqueceu-o.

– É verdade, tinha-o esquecido. Mas de facto estamos agora mais capacitados para ouvir uma das suas outras vozes. Precisamente, aquela através da qual ele fala da voz. Porque a voz, para Hegel, é anterior ao sujeito. Precede-o, o que quer, é claro, dizer que ela está em relação com ele – e pela minha parte concordaria, se me passar essa palavra, que ela lhe abre a via. Mas ela não é a voz do sujeito.

– Se logro segui-lo, haveria pelo contrário que dizer que é a voz do sujeito – justamente porque é ela que lhe abre a via –, mas que não há sujeito da voz. Mas não sei ainda porque é que é assim. Não me fez ouvir as duas vozes de Hegel.

– A primeira é a voz do sujeito. Pronuncia, neste tom imperturbável que reconheceu, que o ser e a verdade consistem em suportar em si a sua própria contradição. O sujeito é assim aquele cuja relação a si passa pela sua própria negação, e tal é o que lhe confere a unidade infinita de uma inesgotável presença a si – até na sua ausência, quer dizer, para o que nos ocupa, até no seu silêncio. Com a voz, não se trata de um silêncio que faria sentido, e não é uma ausência de sujeito que se faz ouvir. Disse-o, é uma afirmação, não é uma negação. A voz não é uma contradição suportada, quer dizer, ao mesmo tempo posta e deposta, superada. Está à margem da contradição, tal como da unidade. E é então que é preciso ouvir a outra voz de Hegel, o outro tom que ele adota para falar da voz. Escutai.

(Hegel falando com Schelling e Hölderlin que pronunciam, também eles, algumas das frases que se seguem, sem que isso faça uma verdadeira conversação.)

“A voz começa com o som. O som é um estado de tremor, quer dizer, um acto de oscilação entre a consistência de um corpo e a negação da sua coesão. É como um movimento dialéctico que não lograria consumir-se, e que se quedaria na pulsação... No tremor sonoro de um corpo inanimado já há alma, uma espécie de aptidão mecânica para a alma... Mas a voz eleva-se propriamente em primeiro lugar no animal... É o seu acto de tremer livremente nele mesmo... Neste tremor há a sua alma, quer dizer que há esta efectividade da idealidade que produz uma determinada existência... A identidade do existente – quer dizer, a presença concreta da própria Ideia – começa sempre no tremor. Assim, a criança no seio da mãe, criança que não é autónoma nem é um sujeito, está atravessada por um tremor pela partilha

originária da substância materna... Não é uma voz audível, no entanto deve fazer um barulho nas entranhas da mãe. É a vocalização balbuciada do acesso ao ser... A alma é a existência singular que treme ao apresentar-se, cujo tremor é a apresentação... É o sujeito singular, quer dizer, que não é a unidade infinita da subjectividade, não é senão a sua singularidade... Esta alma singular dá-se forma ou figura, aí reside a sua obra de arte... a obra de arte do tremor... E quando se trata do homem, tal obra de arte é a fisionomia humana, com a posição erecta, a mão, a boca, a voz, o rir, o suspiro, as lágrimas... e qualquer coisa banha tudo isto, é um tom espiritual que revela imediatamente o corpo enquanto exterioridade de uma natureza superior. Este tom é uma modificação ligeira, indeterminada, indizível: não é senão um signo indeterminado e imperfeito para o universal da Ideia que se apresenta aqui. Este tom não é a linguagem. Abre-lhe talvez a via. É esta modificação indizível, esta modulação da alma que treme, que chora e suspira, e que também ri ... O espírito que treme manifestando-se, sem ainda ter apropriado a sua própria substância espiritual...”

(Os três personagens afastam-se. Ouve-se cantar muito baixinho o começo do lied de Schubert, “Gretchen am Spinnrade”.)

“Meine Ruhe ist hin, mein Herz ist schwer, Ich finde, Ich finde sie nimmer...”

– Estou comovido, confesso-lhe. Mas o seu Hegel não estava sozinho, eram três a falar.

– De facto. Todavia era ele, asseguro-lhe, era ele, ou a voz de uma época...

– Terei compreendido bem, se digo que essa modificação, de que eles falavam, essa modulação espiritual espalhada pelo corpo todo, seria em suma a voz da voz, o som ou o tom no qual ressoa propriamente o que por outro lado treme na garganta aberta? Esse tom ou esse som geral – o do homem, o do animal, de tal homem ou de tal animal, o som geral de cada vez da diferença singular que vibra – daria o tom da voz e, reciprocamente, a voz daria a ouvir o tremor particular desse tom... Cada uma seria a voz da outra: a voz que não é uma voz, que é o tom da alma espalhado pelo corpo, dando-lhe a existência pelo seu derramamento, e a voz que é a voz desta existência, emitida pela sua boca e pela sua garganta.

– Sim, creio que podemos dizê-lo assim. Compreende então que não há ali sujeito. Uma voz tem a sua voz fora dela mesma, não tem nela a sua própria contradição, ou então, em todo o caso, não a suporta: atira-a para diante dela. Não está presente a si, é somente uma apresentação para fora, um tremor que se oferece para fora, o batimento de uma abertura – uma vez mais, um deserto despregado, exposto, com as correntes de ar que vibram no calor. O deserto da voz no deserto, todo o seu clamor – e sem sujeito, sem unidade infinita, isto vai sempre para fora, sem presença a si, sem consciência de si.

– Isso lembra-me alguém que dizia – cito-lhe isto de cor – que o homem não tem voz, diferentemente dos animais, que ele tem somente a linguagem e a significação como uma maneira

de colmatar esta falta de voz, e também para se esforçar em direcção a esta voz ausente...

– Era Giorgio Agamben. Ele dizia que a voz era o limite da significação, não como um simples som que estaria desprovido de sentido, mas «como pura indicação de um evento da linguagem».

(Agamben, ao lado da cena, acrescenta muito depressa:)

“E esta voz que, sem nada significar, significa a própria significação, coincide com a dimensão de significação mais universal, com o ser.”

– Lembro-me de um outro ainda que dizia:

(uma voz de criança, em off)

“O sentido está abandonado à partilha, à diferença das vozes. Não é um dado anterior e exterior às nossas vozes. O sentido dá-se, abandona-se. Não há talvez outro sentido do sentido para além desta generosidade.”

– Este sentido do sentido é como a voz da voz: não é senão abertura, tremor de abertura no envio, na emissão de qualquer coisa que é destinado a ser ouvido – mas nada mais. Quer dizer que não é feito para voltar a si...

– No entanto, isso ressoa em si-mesmo...

– Sim, mas sem voltar a si, sem se retomar para se repetir e se ouvir a si mesmo...

– Mas a voz que se ouve a si mesma não pode fazê-lo senão mantendo o silêncio. Sabe-o bem, Derrida mostrou-o.

– Claro. E é por isso que a voz que não mantém silêncio, a voz que é uma voz, não se ouve. Não tem em si este silêncio para se ouvir proferir um sentido para além do som. É uma outra maneira de não ter em si a sua própria contradição. Ela não tem em si este silêncio, ressoa somente, lá fora, no deserto. Não se ouve – ou não verdadeiramente – mas faz-se ouvir. Endereça-se sempre ao outro. Olhe, justamente, uma vez que o citava há instantes, escute-o.

(Derrida falando diante de um magnetofone portátil que uma jovem lhe estende.)

“Quando a voz treme... dá-se a ouvir porque o seu lugar de emissão não está fixo... vibração diferencial pura... uma fruição que seria fruição de uma plenitude sem vibração, sem diferença, parece-me ser ao mesmo tempo o mito da metafísica – e a morte... Na fruição viva, plural, diferencial, o outro é chamado...”

– Mas então, ele é chamado por nada, nem sequer pelo seu nome. É somente a voz, que nada diz, mas que chama?

– Ela não diz nada, o que não quer dizer que ela não nomeia. Ou pelo menos, o que não quer dizer que ela não abra a via ao nome. A voz que chama, quer dizer, a voz que é um chamamento, sem articular nenhuma língua, abre o nome do outro, abre o outro ao seu nome, que é a minha voz lançada para ele.

– Mas não há ainda nomes, se não há língua. Não há nada para fixar este chamamento.

– Sim, ela apela o outro aí onde somente, enquanto outro, ele pode vir. Quer dizer, ao deserto.

– Quem vem pois ao deserto, senão os nómadas que o atravessam?

– Precisamente, a voz apela o outro nómada: ou então, ela apela-o a tornar-se nómada. Lança-lhe um nome nómada, que é uma precessão do seu nome próprio. Que o apela a sair de si, a dar por sua vez voz. A voz apela o outro a sair na sua voz. Olhe, escute.

(Um homem do deserto desvela o rosto e lê num livro de Deleuze.)

“A música é em primeiro lugar uma desterritorialização da voz, que cada vez menos se torna linguagem... A voz está muito avançada relativamente ao rosto, muito avançada... Maquinar a voz é a primeira operação musical... É preciso que a voz alcance ela mesma um devir-mulher ou um devir-criança. E tal é o prodigioso conteúdo da música... É a voz musical que se torna ela própria criança, mas ao mesmo tempo a criança torna-se sonora, puramente sonora...”

– O outro é apelado ali onde não há sujeito, nem significação. É o deserto da fruição, ou da alegria. Não é desolado, ainda que árido. Isso não é nem desolado, nem consolado. Está aquém do rir e das lágrimas.

– No entanto, não haverá, pelo menos, que conceder – parecia fazê-lo há instantes – que a voz sai primeiramente em pranto?

– É verdade, é o nascimento da tragédia. Mas o que precede este nascimento é o parto da voz, e ele não é ainda trágico. São choros, gritos que nada sabem do trágico, nem do cómico.

– Haverá então que compreender que eles nada sabem para além da sua própria saída, da sua própria efusão, um corpo que se abre e que se exala, uma alma que se estende?

– Sim, é uma extensão aberta – partes extra partes – e que vibra – partes contra partes. Isso não fala, isso apela o outro a falar. A voz apela o outro a falar, a rir ou a chorar – em mim-mesmo, já. Eu não falaria, se a minha voz, que não é eu e que eu não tenho em mim, embora ela me seja absolutamente própria, não me chamasse, quer dizer, não apelasse a falar, rir ou chorar, este outro em mim que pode fazê-lo.

(Montaigne, sentado à mesa, e a escrever:)

“...a própria inflexão da minha voz retira mais do meu espírito do que eu encontro nele quando o sondo e falo com os meus botões.”

– Valéry dizia (tira um volume do bolso e lê): “... a *linguagem* saída da voz, mais do que a voz da *linguagem*”...

– E é também por isso que ele podia dizer: “a voz define a poesia pura”.

– A poesia não falaria então?

– Sim, ela fala, mas fala com esta fala que não executa uma língua, e da qual pelo contrário, saída da voz, uma língua vem a nascer. A voz é a precessão da linguagem, é a iminência da linguagem no deserto onde a alma está ainda sozinha.

– Dizia que ela fazia vir aí o outro!

– Claro que sim, é assim que a alma está sozinha: não solitária, mas com o outro, no apelo do outro, e sozinha relativamente aos discursos, às operações, às ocupações.

– De facto, é a própria alma que a voz chama no outro. É assim que ela faz vir o sujeito, mas não o instala ainda. Pelo contrário, evita-o. Não apela a alma a ouvir-se, nem a ouvir a entender nenhum discurso. Chama-a, o que apenas quer dizer que a faz tremer, que a comove. É a alma que comove o outro na alma. E é isso uma voz.



Este é o Caderno de Leituras n.13. Outras publicações das Edições Chão da Feira estão disponíveis em: www.chaodafeira.com